

FALE COM A GENTE!

Editores Bruno Rios, Marcelo Luís,
Rafael Motta e Ronaldo Abreu Vaio
E-mail cidades@atribuna.com.br
Telefone 2102-7157

DESTAQUE DO DIA

CIDADES

CoronaVac é 50,4% eficaz; Anvisa decide no domingo

Butantan confirma que pouco mais da metade dos vacinados não teve covid-19 e, dos infectados, nenhum grave

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

Após muita pressão, o Instituto Butantan anunciou ontem que a eficácia global da CoronaVac, com base nos testes feitos no Brasil, é de 50,38%. O índice supera os 50% exigidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a liberação de um imunizante.

No mesmo dia, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) informou que, no domingo, sua Diretoria Colegiada se reunirá para decidir sobre os pedidos de autorização de usos emergencial, temporário e experimental dessa vacina e do imunizante solicitado pela Fiocruz — o de Oxford/AstraZeneca.

Somando-se os dados relativos à eficácia aos de segurança, a vacina produzida em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac se torna uma das principais candidatas para se iniciar a imunização no País.

De forma simples, a eficácia global é a capacidade da vacina de proteger em todos os casos da doença, independentemente do nível de gravidade. Na prática, ela é obtida por meio de um cálculo que compara a proporção de infectados no grupo que tomou placebo e no que tomou a vacina (veja adiante).

Na sexta-feira, o Butantan formalizou o pedido de uso emergencial da CoronaVac. Até então, apenas dados parciais de eficácia haviam sido apresentados publicamente: 78% para casos leves (que não precisaram de atendimento médico) e 100% para casos graves e moderados (que,



RESUMO DO ESTUDO

Resumo dos resultados de eficácia
(9.242 participantes)

Nível de gravidade	Pessoas testadas	
	PLACEBO	VACINA
GRAVE + MODERADO UTI/hospitalização	4.599	4.653
LEVE Precisa de assistência	7	0
MUITO LEVE Não precisa de ajuda	24	7
	136	78

Fontes: Instituto Butantan e Governo do Estado de São Paulo

Considerados todos os pacientes vacinados, **50,38%** não desenvolveram a doença. Entre os que se infectaram, 22,04% tiveram sintomas leves (eficácia de **77,96%** nestes casos) e nenhum apresentou sintomas moderados nem graves (eficácia de **100%** nestas situações)

Em resumo, não foram necessárias internações hospitalares entre os que receberam a vacina

INFOGRAFIA MONICA SOBRAL/AT

NO LIMITE

A reunião marcada pela Anvisa para domingo ocorrerá no penúltimo dia do prazo estabelecido pela própria agência como meta para análise

se houvesse, necessitariam de internação).

Juntando todos esses dados, é possível entender que pouco mais 50% dos vacinados não desenvolveram a doença. Entre os que foram imunizados e ainda assim se infectaram com covid-19, 22% desenvolveram casos leves e ninguém apresentou casos graves.

Apesar disso, cientistas criticaram a estratégia de divulgação dos dados: o habitual é informar a eficácia global antes. Na coletiva de ontem, o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas,

dos pedidos. “Para tanto, faz-se necessária a entrega, em tempo hábil para análise, dos documentos faltantes e complementares”,

rebateu as críticas, afirmando que nenhuma outra companhia apresentou dados detalhados antes da liberação da Anvisa e que houve transparência do instituto.

“O Butantan é um instituto público que não tem outro objetivo a não ser oferecer à população uma vacina eficiente e eficaz”, disse. Isso, nas palavras de Covas, mostra a total transparência mesmo diante das críticas pelo desenvolvimento em parceria com a Sinovac. Se não fosse isso, não haveria vacinas prontas em solo brasileiro, frisou.

frisou. O Governo Federal afirma que, no melhor cenário, a vacinação começará daqui a uma semana, no dia 20.

EFICÁCIA

Os estudos da fase 3 envolveram 16 centros de pesquisa científica em sete estados e no Distrito Federal. O teste duplo-cego, quando a aplicação da vacina é feita em 50% dos voluntários e placebo é aplicado nos demais, envolveu 12,5 mil profissionais de saúde.

O estudo verificou que a menor eficácia foi registrada em casos de infecções muito leves. De uma amostragem de 9,2 mil participantes, 85 dos casos muito leves foram de pessoas que receberam vacina, e 167

em voluntários que tomaram placebo.

A eficácia nos casos leves, de pacientes que precisaram receber alguma assistência médica, foi de 77,96%. Sete haviam recebido a vacina, e 31, placebo.

Para os casos moderados e graves que demandariam hospitalização, a eficácia foi de 100%. Significa que nenhum paciente infectado que recebeu a vacina precisou de internação. Entre os que tomaram placebo, sete foram internados.

“É uma excelente vacina esperando para ser usada em um país onde morrem, no momento, em torno de mil pessoas por dia. Esperamos que as autoridades entendam o momento e ajudem nossa população a receber as vacinas o mais rapidamente possível”, afirmou Dimas Covas.

Taxa ajudará no combate à pandemia

O percentual de eficácia da CoronaVac é menor do que o de outras vacinas testadas. Porém, para especialistas, isso está relacionado à metodologia dos testes e se trata de uma taxa que ajudará no combate à pandemia.

Ricardo Palácios, diretor de Pesquisas Clínicas do Butantan, disse que esse percentual de eficácia já era esperado. Primeiro, porque os testes foram feitos em uma população altamente exposta ao vírus e em um cenário em que o número de casos estava alto.

Além disso, Palácios detalhou que a análise dos testes clínicos da CoronaVac incluiu todos os pacientes com sintomas da doença, inclusive, os mais leves. Isso pode ter impactado negativamente os resultados de eficácia, mas garantiu uma resposta mais rápida, pois eram necessários infectados para a comparação.

“Estávamos sacrificando eficácia para termos uma resposta mais rápida”, afirmou Palácios. Essa questão é revelada ao se verificar que a eficácia é menor nos casos leves.

“Nós não precisamos de uma vacina 100% eficaz. Neste momento, precisamos de uma vacina que combata casos graves”, declarou Sergio Cimerman, médico infectologista do Hospital Emílio Ribas. A redução de casos graves, de acordo com ele, representa menos mortes e menor pressão no sistema de saúde.

Marcos Aurélio Safádi, presidente do Departamento de Infectologia da Sociedade Brasileira de Pediatria, utilizou como comparação vacinas já usadas, como as de rotavírus e coqueluche. A eficácia delas é similar à da vacina do Butantan, diz.

Entrevistados dizem que querem se vacinar o quanto antes

JÚNIOR BATISTA

Nas ruas, o clima que prevalece é o de esperança de que a vacina chegue rapidamente para que a rotina comece a voltar ao normal, permitindo abraços, encontros, festas e esportes com torcida.

Todas as pessoas ouvidas por *A Tribuna* ontem, no Centro de São Vicente e no de Santos, disseram que vão se vacinar, ainda que algumas estejam um pouco receosas quanto à eficácia do imunizante.

Também são unânimes, entre os entrevistados, a insatisfação com as medidas de isolamento e o entendimento de que continuam necessárias para manter a doença controlada.

A comerciante Nice Quevedo, de 53 anos, moradora do Centro da Cidade, é das que estão muito esperançosas

EXPECTATIVA



“Estou ansiosa e com esperança de que, depois que começar a vacinação, as coisas irão melhorar. Claro que a maioria precisa tomar”

Jéssica de Jesus
23 anos, vendedora,
Quarentenário, São Vicente



“Ansioso para resolver esse problema do coronavírus, eu estou, mas fico receoso com essa vacina. Foi rápido, uns dizem uma coisa, outros, outra. É difícil. Mas eu vou tomar, né? Não tem outro jeito”

Dimas Caramba
61 anos, vendedor, Centro de São Vicente



“Estou bem esperançosa de que, após a vacina, as coisas irão melhorar. Eu vou tomar, com certeza. Acho que as pessoas ficam desconfiadas porque o Governo (Federal) confunde muito, falando que a doença é fraca, depois que a vacina pode não funcionar”

Priscila Silva
33 anos, autônoma, Jardim Real, Cubatão

se e ansiosas para tomar a vacina. Ainda que não esteja nos grupos prioritários, ela disse que não vê a hora de ser imunizada.

“Não vejo a hora de chegar a minha vez. Estou aguardando desde já, as coisas precisam retornar ao normal, não dá mais”, diz.

O psicólogo Manuel Gil, de 69 anos, morador do Catiapoã, em São Vicente, afirma não estar “ansioso porque fiquei o tempo inteiro praticamente em casa. Mas vejo como necessária a vacina para que se volte à normalidade. Não há outro jeito para resolver o problema. Ela é importantíssima, com certeza tomarei”.

No Centro de Santos, o clima foi parecido. O aposentado José Oçulio, de 69 anos, afirma que desde o ano passado espera pela vacina. “Fiz uma cirurgia em

fevereiro e, quando retornei para casa, logo comecei a quarentena. Fiquei meses a fio esperando para respirar ar de fora”.

Oçulio declara que sempre confiou na medicina e na comunidade científica. “Quando vi o mundo inteiro em busca dessa vacina, sabia que daria certo. Então, estou desde o ano passado esperando. Não fiquei ansioso, sabia que teria solução”, comenta.

Para a funcionária pública Daniela Assis, de 48 anos, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) prestou um desserviço ao deixar suspeitas recaírem nas vacinas. “Acho que o Governo confundiu as pessoas, descreditando a vacina, dizendo que não vai tomar. Estou esperançosa, essa é a única solução que temos”, considera.